

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

27 a 29 de novembro

Evento online

even3.com.br

RAÇA, AMBIENTE E EDUCAÇÃO: UMA ENCRUZILHADA (IM)POSSÍVEL?

Iago Gomes da Silva¹

RESUMO: A discussão central deste artigo se ampara no trabalho dissertativo de conclusão de mestrado em educação intitulado “Outros quartos e outros despejos: uma colchografia de narrativas acerca do racismo ambiental a partir do sujeito-escola”, o qual fez uso da cartografia, inspirada nos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guatarri, e assim de recursos metodológicos como a pesquisa-intervenção, a observação participante e a conversação. Os resultados da pesquisa possibilitaram encruzar os conceitos de raça, ambiente e educação a partir na potencialização de novos sentidos ao fazer ambiental e ao fazer para pensar as relações étnico-raciais, produzindo desta forma diálogos e rizomas entre eles e possibilitando refletir sobre a relação intrínseca e necessária em diferentes campos de produção, sobretudo no ensino escolar e na promoção da justiça social e climática a partir da construção do conceito de racismo ambiental.

Palavras-Chaves: Educação Ambiental; Relações Étnico-raciais; Racismo Ambiental; Meio Ambiente; Política Ambiental.

PARTO DA ENCRUZA

A encruzilhada é o lugar onde se destroem as certezas
(Luiz Rufino)

O conceito de encruzilhada aparece em parte de suas definições como um “lugar de indecisão”, espaço de encontro de dois ou mais caminhos que aparentam inicialmente levar a lugares distintos e incompatíveis. Porém essa “aparência” nem sempre se torna “fato”. Podemos pensar aqui em um caminhante que, com o objetivo definido de lugar a se chegar, se vê no meio de possibilidades e, em dúvidas acerca de por onde ir, pergunta a um até então desconhecido que se encontra parado ali, de capa preta, chapéu na cabeça e segurando um tridente: “por onde vou para chegar a tal lugar?”. A figura assopra a fumaça de seu charuto três vezes na face do caminhante e diz: “todos os caminhos levam a esse tal lugar, mas eles possuem caminhar distintos. Por que escolher somente um? Se você pode experimentar os três? Alguns talvez

¹ Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Graduado em Letras pela mesma e Professor da rede pública estadual da Bahia no Colégio Estadual do Campo em Tempo Integral Genivaldo de Almeida Brandão. Orcid: 0000-0002-1477-2437. E-mail: iagogomes18@gmail.com

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

27 a 29 de novembro

Evento online

even3.com.br

levem mais tempo, não pela distância percorrida, mas por sua forma de sentir este caminho. Às vezes irá se distrair, mas esses momentos também contam”.

Dessa maneira, a encruzilhada, aqui praticada na ginga, é fruto de uma pedagogia que “é um efeito de cruzo que provoca deslocamentos e possibilidades, respondendo eticamente àqueles que historicamente ocupam as margens e arrebatando aqueles que insistem em sentir o mundo por um único tom” (Rufino, 2019, p. 73). E é também “riscada nas potências de Exu” (idem) que é “o mesmo corpo que pratica a esquivia” (idem). É preciso esquivar das armadilhas falsamente conceituais que também desfiguram as interpretações e percepções do real e permitir que o movimento apresente novos caminhos.

As três fumaças assopradas aqui (a raça, o ambiente e a educação), formuladas a partir de epistemologias de campos que aparentam ser tão distantes em análises, ao mesmo que confundem boa parte dos caminhantes, apresentam para nós uma encruzilhada necessária em tempos de crise climática, que é publicamente traduzida aos seres vivos como um “apocalipse inevitável” pelos mesmos promotores dela.

A raça é conceito fundamental para interpretação de um mundo erguido a partir das invasões coloniais que marcam a origem da modernidade ocidental, seu desenvolvimento industrial (com as revoluções industriais e o desenvolvimento de tecnologias altamente produtivas) e totalitarista (regimes e ideologias nazifascistas do século XX e XXI e o imperialismo colonial). Em todas as suas etapas a raça se reinventou e persistiu enquanto marcador civilizatório de separação do sujeito da sua plenitude existencial enquanto Natureza, estabelecendo modelos ideológicos políticos, econômicos e culturais violentos.

Circular a isto, o ambiente foi se tornando o espaço-tempo que se desenvolve e avança o modelo civilizatório que foi criado e segue sendo recriado. Princípios que estavam presentes nos sentidos que caracterizavam os europeus do século XVI, quando abarcaram e se colocaram a olhar, cheirar, ouvir o que estas terras possuíam se tornaram os controladores dos desejos de quem sempre cercou terras para plantar cana-de-açúcar, café, soja, criar gado massivamente,

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

 27 a 29 de novembro

 Evento online

 even3.com.br

alterar de forma violenta às terras, a fauna, a flora, as formas de vida que existiam e existem sob nossos territórios.

Mas a violência não provinha apenas das armas em suas mãos, mas da força de imposição de seu projeto exploratório a todos os seres vivos e não-vivos. Plantaram árvores não nativas, trouxeram outros animais de suas terras, traficaram outros humanos e negaram as suas humanidades, impuseram doutrinas religiosas e outras ideologias a todos. Assim fizeram novo mundo pela ficção que criaram para se fazer real, porém distorcido, à sua imagem e semelhança, o retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador que, “assim como a burguesia propõe uma imagem do proletário, a existência do colonizador reclama e impõe uma imagem do colonizado (Memmi, 1977, p. 77). Suas escolas-prédios foram erguidas para que seus professores contassem suas histórias e produzissem novas narrativas sobre a realidade, projetando um mundo real retrato de uma ficção inventada.

Mas em cada encruzilhada há um exu! Os seres vivos percorrem todos os caminhos! Os dos colonizadores e os que nós inventamos enquanto caminhamos e criamos mundos novos, erguemos políticas próprias, fazemos uso de outras, misturamos num caldeirão enorme, alimentamos uns aos outros e os que virão depois de nós.

Ao considerar os negros e os movimentos negros como sujeitos sociais e coletivos que nos reeducam, Nilma Lino Gomes (2021) parte da perspectiva de condução da identidade racial enquanto mobilizador de novos sentidos e construtor de novos caminhos para o que se define enquanto descolonização em combate à violência colonial. É a construção constante de atos palmarinos que, obviamente em menores proporções, seguem o que Palmares instituiu enquanto força de enfrentamento ao mundo colonial. É cada aldeia indígena, que segue em territórios e em corpos, que expandem seus mundos para outros da mesma forma que cada comunidade tradicional, terreiro, corpo preto que ginga também faz.

Porém Palmares não se fez apenas como grande ato, mas, como força espaço-temporal, ergueu um mundo comunitário, novas relações possíveis, a utopia da possível liberdade. A

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

 27 a 29 de novembro

 Evento online

 even3.com.br

possibilidade de um ambiente onde os seres vivos confluem-se e se refazem enquanto Natureza, realizando camuflagens, fertilizando a terra, potencializando cabeças para a transformação. Princípios como estes já se encontravam presentes, de inúmeras e variáveis formas, em cada aldeamento anterior às invasões coloniais. Os quilombos surgem como fins de encruzilhadas realizadas de dentro do sistema colonial. O aquilombamento é recurso de quem percorreu esteiras culturais africanas, indígenas e dos colonizadores brancos e inventou a comunidade como desorganizador de mundos e organizador de outros.

Desfazer a violência racial compulsória aos seres vivos, às comunidades e aos ambientes não foi e nunca será uma produção inventiva apenas fruto de prédios, de boas estruturas e profissionais adestrados pelas técnicas do Estado. Ao contrário, o desfazer se encontra em flores que nascem das paredes rachadas ou em pisos brilhantes, das alianças entre quem joga o braço por cima dos muros e leva outros até o lado inverso, que cria a contra-técnica para mostrar que há outras formas de se fazer, porque se no mundo branco as desfeitas se tornam também normas, nos mundos-comunidades há sempre “seja bem-vindos”, “podem entrar”, rodas de samba, círculos de rezas, batuques, convites onde é “falta de educação fazer desfeita”. A educação assim deve vibrar com os mundos criados, encruzando-os em novas possíveis invenções.

O que acontece quando se faz uso do que aqui defino enquanto “pesquisa de encruza” para pensar a relação entre “raça”, “ambiente” e educação”? Como o conceito de racismo ambiental, criado em meio a outra realidade espaço-temporal, pode ser a chave de compreensão da crise climática e de construção de políticas (inclusive públicas) de existências às condições ambientais atuais e vindouras? Perguntas como estas mobilizam os objetivos deste trabalho que são possibilitar a relação entre três conceitos emergentes para produção de novos sentidos na educação ambiental, mobilizar a imprescindível necessidade de ambientalizar a leitura racial da mesma forma que racializar o debate ambiental e abastecer o debate público com justificativas

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

 27 a 29 de novembro

 Evento online

 even3.com.br

para necessária caracterização interseccional de políticas públicas ambientais, educacionais e voltadas para as relações étnico-raciais.

METODOLOGIA

As reflexões decorrentes do caminhar nessa encruza são partes decorrentes de trabalho dissertativo construído durante mestrado em educação realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana que resultou no título “Outros quartos e outros despejos: uma colchagrafia de narrativas acerca do racismo ambiental a partir do sujeito-escola”. Neste utilizo enquanto metodologia a cartografia proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) com recursos de pesquisa qualitativa como a observação participante, a conversação e a pesquisa-intervenção.

Diferencio “campo” de “oficinas de campo”, pois defino o primeiro como todos os percursos percorridos (o que não se exclui a experiência a priori dos próprios sujeitos envolvidos), enquanto também se fundamenta a partir de três encontros construídos como oficinas sendo elas:

1. Uma oficina de aproximação entre os conceitos de “meio ambiente” e “racismo”;
2. Uma oficina de aproximação com “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus e do “fazer carolinesco”;
3. Uma oficina de produção de uma colchagrafia a partir de pistas cartográficas produzidas pelos próprios sujeitos participantes.

No primeiro encontro os sujeitos se depararam com dois cartazes onde se lia em cada um respectivamente “meio ambiente” e “racismo”. De forma individual deveriam colar palavras-chaves que correspondessem ao título e depois em conversação relacionar ambos os cartazes; no segundo encontro, as dinâmicas consistiram basicamente em uma aproximação por meio de música e leitura de trechos da obra “Quarto de despejo”, como forma de conceituação do que é o racismo ambiental; a terceira oficina foi a produção de uma cartografia que, em forma de colcha de retalhos, consistia nos sujeitos participantes colarem as pistas trazidas de

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

27 a 29 de novembro

Evento online

even3.com.br

suas realidades espaços-temporais e, em formas de narrativas, iam se “costurando” e se tornando uma única voz: o sujeito-escola.

QUAL EDUCAÇÃO AMBIENTAL QUEREMOS?

Ainda há forte presença no senso comum da falsa ideia de que a responsabilidade por discutir sobre ambiente na educação cabe somente a quem ensina ciências da natureza. Essa concepção, durante muito tempo, foi compartilhada também por perspectivas tecno-científicas e econômicas que se baseiam no domínio de um racionalismo matemático e aprofunda a separação entre campos distintos de conhecimento ao invés de aproximá-los na identificação e solução dos problemas.

Se o que convém definir enquanto crise atinge os seres de múltiplas formas a ponto de afetar não apenas as condições químicas, físicas e biológicas do planeta, mas também formas de sociabilidade, culturas, modos de existências, é também necessário que as saídas para ela devam ser articuladas, pensadas coletivamente e municiadas de todas e possíveis contribuições e cosmovisões, não apenas acadêmicas.

Mesmo ocupando mais o cenário público, avançando em estudos, investigações e no ensino escolar e universitário, sobretudo a partir da Conferência de Estocolmo em 1972, é preciso reforçar que a educação ambiental

deve resultar de uma dimensão do conteúdo e da prática educacional, orientada para a preservação e a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, através de um enfoque interdisciplinar; levar a compreensão do meio ambiente em sua totalidade e interdependência utilizando o enfoque sistêmico para as questões globais que envolvem o meio ambiente (Ramos, 2021, p.205).

Assim não se faz educação ambiental ignorando faces e dimensões da crise que não necessariamente se amparam em conteúdos propriamente instituídos como objetos específicos das disciplinas ou demarcados em documentos orientadores do Estado e guiados por

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

27 a 29 de novembro

Evento online

even3.com.br

organismos internacionais. A relação entre estas, dos saberes e conhecimentos produzidos pelos sujeitos e comunidades devem integrar o ensino ambiental e caracterizar as práticas de aprendizagem da escola.

No caminho ao lado, encruzado por Exu, desde a implementação das Lei 10.639/03 e 11.645/08, uma educação voltada para as relações étnico-raciais se tornou temática mais constante de conferências, pesquisas científicas, espaços de formulação de políticas públicas. Por mais que vislumbrar a história e cultura africana, afrobrasileira e indígena nas escolas e universidades tenha sido um imaginário ancestral há muito construído, a alteração da Lei de Diretrizes e Base (LDB) simbolizou muito e intensificou abordagens diferentes para o ensino escolar.

Na encruza, as professoras Bárbara Carine Soares Pinheiro e Katemari Diogo da Rosa (2018, p. 16) enfatizam que

a letra da lei é enfática ao afirmar que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, portanto, o Ensino de Ciências não pode se privar do cumprimento dessa lei, reforçando assim as estratégias de manutenção de subalternidades raciais oriundas do racismo estrutural no Brasil.

Ou seja, tanto a educação ambiental quanto uma educação para as relações étnico-raciais não devem ser abordadas como frutos de uma divisão reducionista, centralizada na racionalidade moderna e nem devem ser vistas enquanto dimensões incompatíveis. Tanto uma quanto a outra deve buscar a construção de imaginários onde não há espaço para subalternidades, injustiças e violências que provocam cisões e rachaduras no planeta, o que as fazem ser mais próximas e semelhantes do que distantes entre si.

Reforço assim a necessidade da encruzilhada para instituição de uma Educação Ambiental Antirracista (EAA). Nela, entendo que raça deve ser identificada como um elemento essencial no reconhecimento, na articulação e no enfrentamento de qualquer injustiça

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

 27 a 29 de novembro

 Evento online

 even3.com.br

produzida. Em se tratando da ambiental, nas injustiças que atravessam as comunidades tradicionais, os povos originários, as periferias urbanas, os povos da caatinga, o racismo é um marcador político decisivo em origem e manutenção.

Por isso que nomear, estudar e enfrentar o racismo é também tarefa da educação ambiental e dessa forma

Se faz preciso assim uma educação ambiental antirracista que parta do (não)lugar que nossos corpos ocupam no mundo colonizado, que não se submeta à agenda neoliberal e colonial, que entenda nossos atravessamentos como parte do meio ambiente e não à parte dele, que dê conta das causas e dos efeitos desiguais da crise ambiental sob povos indígenas, quilombolas, de terreiro, pescadores, catadores de papel e tantos outros que vivem sob o descarte da humanidade, que entenda a crise ambiental como também uma crise civilizacional e que pense a própria educação não para antecipar o fim do mundo, mas para adiá-lo enquanto potencializa a invenção de outros (Da Silva, 2024, p. 86).

Respondendo o questionamento em título dessa sessão: a educação ambiental que queremos deve ser a que Exu nos ensinou a percorrer quando não decide por nós um caminho, mas mostra como todos eles guardam segredos de um movimento que tem como base encruzar, desafiar, rebelar, desfazer para chegar em algum lugar que seja novamente ponto de partida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os olhos se direcionaram à palavra “ilusão” associada ao título “racismo” no topo do cartaz e, após um diálogo sobre como amor e ódio se constroem enquanto formas de relação marcadas pelo racismo, a justificativa: “Porque ele vive num mundo de ilusão, construído a partir dessa ilusão” (Da Silva, 2024, p.122). Sim, o modelo civilizatório erguido a partir das invasões europeias se constituiu a partir de uma ficção que, geralmente realizada, se distorce e ilude, mistura sensações, gera desconfortos, faz com que muitos se enxerguem como à parte do mundo e outros tentam veementemente se encaixar.

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

27 a 29 de novembro

Evento online

even3.com.br

Esse mundo refletido está em tudo, porque antes de estar propriamente nas coisas, ele está na nossa forma de olhar, de cheirar, de tocar, de ouvir, de saborear ou não as coisas em volta e é justamente na relação entre nossos sentidos e os lugares onde nos movimentamos que se constitui o ambiente. Se enxergamos beleza, estranheza, medo, curiosidade ou qualquer outro sentimento em uma cobra, este é mobilizado por outras experiências, pela forma a qual fomos educados a partir de imaginários narrados a nós. Uma criança que cresceu dentro da mata certamente mobilizará outras sensações em seu corpo do que uma criança criada em um ambiente urbano onde quase não se vê cobras ou elas são tidas como invasoras.

A ilusão é assim para o racismo uma “característica que o sustenta enquanto mecanismo distributivo de poder no mundo colonial, este erguido e duplamente fragmentado para que nem os próprios sujeitos se percebam, nem percebam o outro” (Da Silva, 2024, p.122).

A raça emerge como marcador econômico, político, cultural e ambiental, pois demarca estas hierarquias nos próprios sentidos que captam e alteram, por seus movimentos, os lugares por onde caminham e que, mesmo quando “As pessoas falam de racismo, mas discutem o racismo apenas dentro da espécie humana” (dos Santos, 2023, p. 81) não impeça que esta atue como um mecanismo de produção de subjetividades, e como consequência faz com que o racismo opere como um estruturador de todo o ambiente, pois se está nos sentidos, está também em tudo.

Os modelos de ensino-aprendizagem instituídos enquanto oficiais a partir da relação colonial sempre emergiram como formas de massificação dessa ilusão e ofereceu sempre em troca a condição injusta da aquisição de conhecimentos, de status econômico-social e até de acesso a poucos direitos. A escola se afastou do mundo e se tornou escola-prédio.

Enquanto isto os excluídos e excluídas criavam suas invenções memoriais de ensinar e aprender a sobrevivência, a supravivência, de garantir suas existências políticas, econômicas, culturais e ambientais, de tocar pandeiro enquanto os pés descalços cumprem penitência



Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades



27 a 29 de novembro



Evento online



even3.com.br



sambando em cima de brasas acesas. O mundo é visto como escola e a escola que enxerga isto se torna escola-mundo.

Ao interpretar trecho escrito por Carolina Maria de Jesus (2014) em seu diário onde dizia

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (p. 58).

Irrompeu o seguinte diálogo narrativo entre os sujeitos participantes da pesquisa durante segunda oficina:

É tipo como se ela tivesse dessa vida, a vida que ela imagina, mas ela não tem. Pra fugir da realidade dela.

- Eu vejo isso como... Como a escrita dela, um escape da realidade. Porque, quando eu, imaginando, ela abre a janela, ou abre a porta, e ela vê aquela realidade, né, de vizinho chato, de discriminação, pobreza, desemprego. Ela deve se sentir triste por isso, porque não tem oportunidades.

Mas, ali na escrita, ela encontra um lugar melhor. Uma saída. O que ela pode construir. É, meio que uma solução. Um castelo. Uma saída temporária. Pra relaxar, por exemplo [...]

- Tá aí, professor. Ela criou um Meio ambiente, que se tornou a cura dela! (Da Silva, 2024, p. 130).

É fundamental a compreensão de que a raça é uma ficção moderna que criou um mundo ambiente à sua imagem. Este mundo só é desfeito quando outras ficções de existências desfazem as vertigens, distorções, a violência pura da colonização. A produção destas narrativas inventivas acontece o tempo inteiro, de inúmeras formas, de inúmeros seres, de esquinas, de becos e de roçados. Carolina Maria de Jesus narrou seus imaginários.

Enrique Leff (2016) afirma que a dúvida que surge sobre a capacidade da modernidade, por meio de uma solução científica-tecnológica-econômica, apresentar caminhos de fuga desloca a reflexividade para outros imaginários e para a emergência de novos atores sociais ante a crise ambiental, o que por consequência faz com que

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

 27 a 29 de novembro

 Evento online

 even3.com.br

A democracia ambiental em que se inscrevem e na qual se expressam os imaginários sociais da sustentabilidade abre a via de uma democracia direta, através do reposicionamento das pessoas frente ao estado de coisas no mundo que afeta suas condições de existência e seus mundos de vida. Isso implica questionar a percepção dos povos, seus valores e expectativas frente ao risco ambiental, na construção de uma cultura ecológica arraigada nos imaginários sociais e nos atores sociais do ambientalismo nascente. O que conduziria para uma reapropriação da cultura e da natureza a partir da construção de novos direitos coletivos e de outra racionalidade social – de uma racionalidade ambiental – que assente as condições e as bases para um futuro sustentável. (p.294)

Uma educação que se volte a pensar ambiente precisa construir outras formas de existências, inventar narrativas, criar mundos imaginados, conduzir às comunidades que são vanguardas nas lutas por direitos ambientais, direitos à terra e às suas identidades culturais. No entanto isto só é possível quando entendemos que o racismo é um marcador político, econômico, subjetivo que nos impede de existir completamente, que esmaga nossas narrativas, que busca destruir a nossa capacidade de imaginar mundos distantes da violência que marca a maior parte de nossas vidas. Vencer a crise climática exige de nós imaginar um mundo onde nós também somos seres-ambientes.

Em uma das pistas produzidas a voz narrativa trouxe um poema onde falava de sonhar. Por mais que aparentasse se distanciar da temática racismo ambiental, um dos sujeitos participantes criou, inventou aquela narrativa a partir de processos presentes nas oficinas. Ali afirmei também narrando que

Sonhar! Sonhar é o princípio organizador do antirracismo ambiental, a única forma de fazer do fim do mundo um “começo de outro mundo”, suspender os céus com as mãos, mesmo que seja necessário voar alguma distância do chão para aparar os céus com as mãos. Aliás, como disse um preto veio, “prefiro não falar em sonhos, mas em imaginários, pois os sonhos acabam quando acordamos” (Bispo dos Santos, 2023, p. 53). (Da Silva, 2024, p.141 e 142)

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

27 a 29 de novembro

Evento online

even3.com.br

Acordar! É preciso acordar para enxergar que a própria crise climática é uma distorção da realidade, fruto de ficções levantadas pelos mecanismos de poder. Enquanto os mesmos autores destas ficções exercem o fatalismo para sustentar suas agendas econômicas e políticas enquanto destroem os recursos naturais e pregam o fim da existência humana na terra, é preciso, na contramão, expor as raízes dela, o racismo, o patriarcado, o capitalismo como causas de origem e continuidade da destruição ambiental.

Imaginar! É preciso, acordados e acordadas, narrar, inventar mundos, parir novos seres, garantir que sustentar uma política de toda vida é a única forma de enfrentar a política de morte que mata gente, mata comunidades e mata planeta.

PARA NOVAS ENCRUZAS

A impossibilidade de pensar a relação entre raça, ambiente e educação também é uma realidade distorcida produzida por uma ficção de mundo que, cheia de rachaduras sem flores, não nasce vida. Não é como o massapê que convive entre a secura e o molhado, as secas e os cactos, em meio ao possível de se erguer relações e alianças improváveis para que a vida pulse.

Uma educação ambiental que se levanta contra a crise climática, na construção de políticas públicas e no parto de seres não adaptados a este mundo só se faz no cruzamento entre campos aparentemente distintos e que não mantenha em porões de navios todas as agendas dos viventes. Somos seres ambientais porque não somos à parte do ambiente, mas somos ele. Da mesma forma que catástrofes ambientais afetam quem pisa o chão ou nada nas águas, a forma como existimos cria mundos. Todo impacto sobre o ambiente também é um impacto sobre todas as vidas, porém sentido da forma que os seres sentem de formas distintas, como foram paridos e como existem por aqui. Só políticas resultantes de encruzilhadas e não de cruzadas podem estabelecer novas dignidades e novos princípios éticos de existências.

Este trabalho levanta a essencial racialização de um debate ambiental de mundo, sobretudo na amplificação de cosmovisões que constroem outras relações fora da lógica

Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

27 a 29 de novembro

Evento online

even3.com.br

produtiva-destrutiva capitalista e colonial, e a fundamental ambientação do debate racial para que se interprete o espaço-tempo produzido pelo racismo como um condicionante na distribuição desigual e violenta do planeta, onde somos transformados em condenados e, ainda assim, inventamos a insistência da vida como flores em rachaduras de muros nos prédios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 10.639** de 9 de janeiro de 2003.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

DA SILVA, Iago. **Outros quartos e outros despejos: uma colchagrafia de narrativas acerca do racismo ambiental a partir do sujeito-escola**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, Feira de Santana, 2024.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs**. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas**. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 33, n. 59, p. 435-454, mai./ago. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucpr.br/> Acesso em: 15 jul. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2014.

LEFF, Enrique. **A aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do Sul**. Tradução João Batista Kreuch; revisão técnica Dr. Carlos Walter Porto-Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 2016.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**; tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

RAMOS, Elisabeth Christmann. **Educação Ambiental: origem e perspectivas**. Educar, Curitiba, n.18, p.201-218. 2001. Editora da UFPR. Disponível em: www.scielo.br Acesso em: 08 mar. 2023.



Um evento para reunir **acadêmicos e profissionais** vem aí



III Seminário de Políticas Públicas e Interseccionalidades

 27 a 29 de novembro

 Evento online

 even3.com.br



PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari. **Descolonizando saberes: a Lei 10.639/2003 no ensino de ciências.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.